

‘Pele de Asno’ à moda chilena

Na briga pelo Leopardo de Ouro, ‘Princesa Burro’ encanta Locarno ao usar o conto de fadas para expor o sangue derramado das veias abertas da América Latina



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Preparando-se para receber o Brasil, em sua disputa oficial, com a projeção de “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias, Locarno hoje vive um caso de amor com o Chile, à luz fabular de “Princesa Burro”, um dos mais lúdicos concorrentes ao Leopardo de Ouro de 2026. Cristóbal León e Joaquín Cociña dirigem a quatro mãos um ensaio de fantasia centrado na força das narrativas orais que evoca o clássico “Pele de Asno” (1970), do francês Jacques Demy (1931-1990). Esse evocação, contudo, segue um traço decolo-



@Bendita Film Sales



Divulgação

A figura de um asno dá um tom fabular à produção *Princesa Burro*

Relatos orais demarcam o longa-metragem chileno, cotado para o Leopardo de Ouro

nial.

“Michel Gondry esteve nosso radar, com seu estilo, mas Demy também, permanecendo lá no nosso horizonte, sendo que temos planos

que são citações ou homenagens a seu filme, mas também à estrutura simbólica dos contos de fadas, um elemento ancestral que liga uma plateia às raízes dos povos ligados àque-

las narrativas”, diz Cociña, ao falar de uma produção capaz de evocar o programa “Vila Sésamo” (ou até o nosso “TV Colosso”) com suas caracterizações de animais. “O limite

entre o artesanal e o tecnológico é muito tênue”.

Qual uma boa história da Carochinha, “Princesa Burro” fala de Diana, aristocrata de um antigo reino. Seu pai, o Rei Arthur, proíbe o amor. Quando Diana se apaixona por Lalo, ele o expulsa do reino. Usando uma pulseira mágica, Diana viaja por outros mundos em busca de seu amado. Ao descobrir que o pai manipula suas decisões, ela precisa enfrentar seus medos e mudar o próprio destino, até que o filme se abre para o realismo mais gentrificado, num registro cartográfico das contradições latinas.

“Existe algo de ridículo no reino que retratamos que expõe o fetiche das idealizações latinas”, diz Cociña, falando da necessidade de a contemporaneidade tentar construir uma tradução ocidentalizados das origens culturais da Pangeia de colonização ibérica. “Tínhamos um roteiro original que, se você lesse, pensaria em um filme muito mais caro do que aquele que fizemos com bem menos de US\$ 1 milhão”.

Nesta quinta, a pátria por trás de “Princesa Burro” avança em Locarno numa latitude hors-concours com a projeção de “Il Cilean”, de Sergio Castro-San Martín, na Piazza Grande. O longa, um épico às avessas, passa-se em 1976. Em meio a protestos de trabalhadores da mineração no Chile, Aldo, um militante especializado em explosivos, é forçado a partir para o exílio. Deixa para trás a mulher e o filho recém-nascido e sobrevive em Turim a duras penas. Tudo muda ao ser absorvido por um grupo anarquista.

Locarno termina neste sábado, com a sessão de com a sessão da comédia “Ni Vue, Ni Connue”, de Marc Fitoussi, com Isabelle Huppert e Sandrine Kiberlain.

“Destroy All Girls”: Surpresa estadunidense

Corpo estranho nas competições cinematográficas mais radicais, apesar de sua hegemonia nos circuitos do mundo inteiro, a produção audiovisual dos EUA encontrou para si um espaço de consagração nesta edição de Locarno, na seção paralela Concurso Cineasti del Presente, graças ao trabalho de Erin Vassilopoulos ao filmar “Destroy All Girls”. Sua identificação autoral é de voz não-binária, evitando os pronomes “ela” ou “ele”. Em sua trama, a jovem Alex Martínez (Ani Me-

sa-Perez) foge de uma casa sufocante para se juntar a um grupo de skatistas de rua que andam de patins em linha. Percorrendo Nova York com pouco mais que seus patins e uma câmera de vídeo, ela encontra inicialmente uma maneira fácil de escapar. Mas, quando família e identidade entram em rota de colisão, Alex é obrigada a enfrentar a única coisa da qual não consegue fugir: ela mesma. Anteriormente, Erin dirigiu “Step Into The Mattress”. (R.F.)



Divulgação

Destroy All Girls se concentra na cena americana do skate